

# Em Tese

## SACRALIDADE MÍTICA E (RE)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA PROFECIA HEROICA DE EDNALDO TABAJARA

Mythical sacrality and (re)construction of identity in the heroic prophecy of Ednaldo Tabajara

**Michelle Bianca Santos Dantas**

Doutorado em Ciências das Religiões

Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Letras, João Pessoa, Brasil

michellebianca86@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1127-101X> 

A lista completa com informações da autora está no final do artigo ●

### RESUMO

O presente artigo visa discutir a representação mítica da profecia que fez ressurgir o povo Tabajara, que representa um marco, não só para a comunidade indígena da Paraíba, como também para o Brasil. Isso porque o ressurgimento do povo Tabajara tem total relação com uma profecia antiga da qual o Ednaldo Tabajara é o personagem central. Desse modo, pretendemos mostrar a vivacidade do mito, presente na profecia estudada, a qual só tem sentido devido ao valor de veracidade que lhe é concedida pela sua comunidade, como nos evidenciam as nossas fontes de pesquisa, como Eliade (1992), Campbell (1992, 2003, 2004), Barcellos (2012), Farias e Barcellos (2015), Vilhena (2015), Figueiredo (2020), Marques (2015), Resende (2018), entre outras. Assim, o que poderia ser visto apenas como um relato fantasioso, passa a ter caráter de verdade, tendo em vista a sacralidade e crença que permeiam essa história.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mito indígena. Sacralidade. Profecia. Ednaldo Tabajara.

### ABSTRACT

This article aims to discuss and problematize the mythical representation of the prophecy that made the Tabajara people resurface, which represents a milestone, not only for the indigenous community of Paraíba, but also for Brazil. This is because the resurgence of the Tabajara people is completely related to an ancient prophecy in which Ednaldo Tabajara is the central character. In this way, we intend to show the vivacity of the myth, present in the studied prophecy, which only makes sense due to the value of veracity granted to it by its community, as evidenced by our research sources, such as Eliade (1992), Campbell (1992, 2003, 2004), Barcellos (2012), Farias e Barcellos (2015), Vilhena (2015), Figueiredo (2020), Marques (2015), Resende (2018), among others. Thus, what could only be seen as a fanciful account, becomes true, in view of the sacredness and belief that permeate this story.

**KEYWORDS:** Indigenous myth. Sacredness. Prophecy. Ednaldo Tabajara.

## 1 INTRODUÇÃO

A vivacidade do mito, presente na profecia de Ednaldo Tabajara<sup>1</sup>, demonstra-nos o sentido da religiosidade no seio de uma comunidade em nossos dias, como agente norteador de luta e resistência na (re)construção identitária. Apesar da profecia remontar aos antigos Tabajara, que guardaram consigo a memória dessa previsão, vemos o vigor da agência da sacralidade como empoderador de atuações sociais, políticas e históricas. Como diz Márcia Medeiros Figueiredo (2020, p. 36):

Na busca de suas raízes ancestrais um jovem chamado Ednaldo dos Santos Silva, hoje conhecido como Ednaldo Tabajara, Cacique da Aldeia Vitória, ousou dar visibilidade e reconhecimento ao seu povo e iniciou uma desafiadora iniciativa de averiguar a documentação que demonstrasse a existência do povo Tabajara.

Tal contexto mostra a presença dos mitos nas sociedades indígenas brasileiras, mais especificamente, na Paraíba, trazendo-nos o valor mítico de sua época e dos seus valores cultuados. Observaremos ou, no mínimo, iremos problematizar a vigência do mito em uma sociedade moderna, atual, que se utiliza de tecnologias diversas, mas que cultua os valores dos essenciais de suas raízes, como ocorre com o Povo Tabajara da Paraíba.

Objetivamos, então, discutir esse contexto que nos possibilita a verificação da existência de uma crença na profecia, e o entendimento de uma verdade mítica, mesmo em tempos em que, de modo geral, o mito perdeu seu caráter de verdade. Como explica Brandão (1993), o mito passou a se configurar como um relato sem a mínima veracidade e que, portanto, não é visto com credibilidade pela sociedade.

## 2 PROFECIA DOS TABAJARA: HISTÓRIA E HEROÍSMO

Para que possamos compreender a história mítica que circunda a vida de Ednaldo Tabajara, precisamos, primeiramente, entender o contexto macro de seus antepassados. Assim, sabemos que os Tabajara se estabeleciam nos municípios do Conde, Alhandra, Caaporã e Pitimbu, no litoral Sul da Paraíba, e que, desde o século XVI, temos registros dos embates travados entre indígenas e europeus, em disputa territorial.

---

<sup>1</sup> Iremos, ao longo desse artigo, usar o sobrenome “Tabajara”, ao nos referimos a Ednaldo, tendo em vista esse ser um modo como ele gosta de ser identificado, devido ao contexto amplo de luta e reafirmação identitária pelas quais este povo passa.

Considerados como bravos guerreiros e senhores da terra, os Tabajara dominaram o litoral nordestino, que posteriormente, foi dividido com os Potiguaras. Segundo dados do livro *Memória Tabajara* (2015), de Eliane Farias e Lusival Barcellos, no século XIX, os Tabajara ocupavam a Jacoca e a Aratagui, as sesmarias<sup>2</sup> localizadas no litoral sul da Paraíba. Este local passou a ser a aldeia Sítio dos Caboclos, um ambiente importante, onde viveram os antepassados daqueles que deram origem aos atuais indígenas.

Ressalta-se que, por conflitos violentos, esse local foi tomado, implicando na expulsão dos indígenas dessa região, para outras das mais diversas, ocasionando uma desintegração e uma dispersão dos Tabajara, chegando a ser considerada por muitos como um povo extinto. Nesse contexto, destacamos os embates com os Lundgren (família de descendentes suecos, responsáveis por grandes fábricas de tecido), que perseguiram os Tabajara, assim como o fizeram com os Potiguara.

Os descendentes de Piragibe<sup>3</sup>, como se identificam os Tabajara, em decorrência da dispersão geográfica e da perda de identidade, acabaram num estágio de anonimato, como nos explica Farias e Barcellos (2015), gerando a assertiva de que, na Paraíba, não havia a etnia Tabajara, e sim apenas a Potiguara. Tendo perdido o seu território, o Sítio dos Caboclos, e sofrendo a opressão de assumir a sua própria identidade, os Tabajara perderam o seu território e a sua identidade, tanto que eles

[...] relatam que não sabiam que eram indígenas, mas sim caboclos, que haviam sofrido a injustiça da usurpação de suas terras, que se sentiam acuados com receio de buscar seus direitos, pois o poderio dos grandes proprietários era maior. [...] Diante de todo esse movimento, percebe-se uma nova forma de comportamento dessas pessoas, os quais vêm se reconhecendo e afirmando sua identidade como indígenas perante outros. Na forma relacional, a identidade étnica implica uma forma de alteridade em que o *nós* se define, se afirma e se explica em oposição aos *outros* (Farias; Barcellos, 2015, p. 99).

Temos, assim, um processo de emergência étnica, chamado por alguns estudiosos de *etnogênese*. Os Tabajara, antes vistos apenas como caboclos, passam a reivindicar, como nos elucida Farias e Barcellos (2015), o reconhecimento de sua etnia, a oficialização de suas terras, enfim, a legitimação de sua identidade, de sua história e de sua cultura. Nesse contexto, surge a profecia que iremos analisar, relacionada a vida de Ednaldo Tabajara. Sobre essa situação, Farias e Barcellos (2015) conta que:

---

<sup>2</sup> A partir de 1536, com a instituição das capitâncias hereditárias no Brasil, houve a regulamentação do uso de algumas terras, chamada de sesmaria, em que se objetivava o cultivo e a produção agrícola.

<sup>3</sup> Como se sabe, Piragibe foi um importante nome indígena, não só na Paraíba, como no Brasil. Foi ativista em diversas disputas territoriais e esteve à frente dos acordos, como, por exemplo, o que estabeleceu a fundação da cidade de João Pessoa, em 5 de agosto de 1585.

Qualquer grupo religioso, étnico ou de outra natureza, está sujeito a passar períodos de riqueza e de conforto, como também de fome, de pobreza e de opressão. Nesses momentos, quase sempre surgem profetas, líderes religiosos que pregam a esperança numa vida melhor e próspera, profetizam um futuro próximo de abundância, riqueza, liberdade e justiça. Acredita-se que as previsões proféticas podem surgir por visões, sonhos ou até mesmo encontros com um ser sobrenatural, sendo muitas vezes consideradas como mensagens divinas (Farias; Barcellos, 2015, p. 59).

Como vimos anteriormente, o momento para os Tabajara era de desintegração e falta de identidade, opressão e perseguição, assim, nesse contexto em que se almeja a esperança de dias melhores, em que se anseia a vinda de um “salvador”, temos a conjuntura ideal para uma profecia. No nosso caso de análise, a profecia de Ednaldo Tabajara foi contada pelo “tronco velho”<sup>4</sup>, Antonio Piaba.

Farias e Barcellos (2015, p. 63) transcrevem o relato profético, pela voz do próprio Ednaldo Tabajara, que falava sobre a vinda de um jovem destemido, que iria ajudar o seu povo a retomar a terra perdida. É importante ressaltarmos que a profecia, de modo geral, só tem valor através da aceitação e da crença que a comunidade deposita em sua mensagem, alimentando a esperança daqueles que anseiam por dias melhores. Vejamos o que nos diz Farias e Barcellos (2015):

A crença de um povo se manifesta em diversos fenômenos, principalmente nos mitos e nos ritos que vão dos mais complexos aos mais simples, como na experiência cotidiana em todas as esferas da vida. Assim, também revelações e profecias alimentam a esperança, a crença de um povo (Farias; Barcellos, 2015, p. 59).

Alimentados por essa esperança, presente na profecia, os Tabajara aguardavam a vinda desse jovem, e sendo que o Antonio Francisco do Nascimento, conhecido como Antonio Piaba, costumeiramente, nas reuniões em família, transmitia esse mito de esperança. Inclusive, esse importante tronco velho dos Tabajara era também conhecido por poderes especiais, por meio de cura de animais e de orações.

Antes de (re)conhecer a profecia em questão, Ednaldo, que ainda não se identificava com o sobrenome Tabajara, deixou, juntamente com a sua família, as atividades de pesca em Pitimbu e partiu para o estado de Alagoas e lá ele permanece até o ano de 2005, quando retorna para se despedir de seus familiares, tendo em vista o contrato que ele havia acabado de conseguir para ir jogar em Portugal, por um atrativo valor de 45 mil euros.

---

<sup>4</sup> Os “troncos velhos” são os anciões indígenas que exercem um papel fundamental na manutenção e perpetuação da memória, através da transmissão oral dos mitos, das crenças, dos costumes do seu povo. Desse modo, eles são essenciais para a transmissão e para a preservação das tradições indígenas, por isso são respeitados e sempre ouvidos, no momento em que se pretende conhecer mais sobre a história de suas raízes.

Essa viagem, que seria apenas para se despedir dos seus, e partir para uma longínqua terra, mudou completamente o rumo da história de Ednaldo Tabajara e do seu povo. Segundo o próprio, essa visita se deu por que “era uma atração tão forte que parecia um chamado dos meus ancestrais” (Cacique Ednaldo, fev. 2011 *apud* Farias; Barcellos, 2015, p. 62). Nessa despedida, ele ouviu de Carlinhos, neto de Antonio Piaba, a seguinte profecia: “[...] dia virá em que um jovem forte, capacitado e destemido assumirá nossa história, nossa gente e a retomada de nossa terra” (Cacique Ednaldo, fev. 2011 *apud* Farias; Barcellos, 2015, p. 63).

Diante da profecia, Ednaldo Tabajara se sensibiliza pela situação do seu povo e passa, então, a assumir a trajetória do indivíduo transformador, de um herói, que sacrifica sua individualidade, em prol de um bem comum, coletivo, de sua comunidade, haja vista que “[...] o herói pode atender ao chamado por vontade própria ou involuntariamente [...]” (Campbell, 2003, p. 66). Vejamos o que nos diz Farias e Barcellos (2015):

Na mitologia grega, a figura do herói clássico aparece como o libertador, aquele que afasta os inimigos dos perigos externos; [...] A figura desses heróis, messias ou profetas surge sempre em consequência de fenômenos como choque de cultura nativa com a civilização ocidental, aculturação e desintegração social. Diante das dificuldades que o povo Tabajara passa, Ednaldo vai aparecer como alguém esperado, o enviado da profecia que vai assumir diferentes configurações para sanar a situação de sua gente. A profecia vai ter uma relevância simbólica, a partir do momento em que reúne as famílias reconhecendo o elo consanguíneo da etnia (Farias; Barcellos, 2015, p. 64).

Ednaldo Tabajara assume, então, a luta do seu povo e passa a reunir a documentação necessária e as histórias transmitidas pelos anciões, procurando reaver os direitos e a identidade de seus ancestrais. Assim, “diante de mais de um século silenciado, [...], este povo, que foi dado como extinto, reaparece para retomar suas terras e reafirmar sua cultura (Resende, 2018, p. 1). E, nesse processo de luta pelo seu povo, Ednaldo Tabajara assume a figura heroica, que por muito havia sido aguardada, diante de uma profecia que, há tempos atrás, prenunciava a sua vinda. Isso porque, a história de Ednaldo não é isolada, mas uma representação maior da luta indígena, uma vez que

A história dos Tabajara se soma a outras histórias de povos que tiveram sua vida afetada pela dominação colonizadora que construiu representações de identidades nacionais e ainda mantém influência no denominado mundo moderno (Marques, 2015, p. 215).

### 3 MITO E SACRALIDADE NA TRAJETÓRIA DE EDNALDO TABAJARA

Para falarmos sobre a configuração mítica da trajetória de Ednaldo Tabajara e da profecia que o engloba, falaremos, primeiramente, acerca do conceito de mito. Podemos dizer que a busca pelo seu entendimento advém de muitos séculos, ainda na Grécia Antiga, quando alguns estudiosos perceberam a força da linguagem mítica e passaram a tentar descrevê-la e conceituá-la. Sendo assim, partindo de sua origem, o termo mito tem como referência etimológica a palavra grega *μῦθος*, que significa relato, fábula, palavra, narrativa. Desta forma, o mito é o relato do que já foi vivido e/ou contado, demonstrando sua ligação com a história, os antepassados e com o mundo que o cerca.

Para Brandão (1993), o mito não significa uma história falsa, uma invenção, como muitos atribuem, ele representa, para as sociedades que o originam, “o relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais” (Brandão, 1993, p. 35). Assim, o mito, a partir da história verdadeira, ocorrida no tempo dos primórdios e mediada pela intervenção sobrenatural, passa a criar e subsidiar uma nova realidade: a cosmoantropofania.

Tal fato de veracidade e credibilidade, verificamos na profecia, já que o povo Tabajara, localizado na região do Conde, na Paraíba, credita a Ednaldo Tabajara o empoderamento e a liderança, confiando em sua força, não apenas de homem comum, mas de alguém que foi escolhido e que sobressai perante os demais. Além dos fatores que envolvem a profecia, na qual os Tabajaras acreditam e transmitem para as próximas gerações, a figura mítica do Ednaldo Tabajara se dá também pelo seu sacrifício pessoal em prol da coletividade.

Assim, vê-se também que o mito exprime uma representação coletiva, transmitida de geração em geração. Isso ocorre, por exemplo, no caso da história profética que vinha sendo repassada por Antonio Piaba, nas rodas de conversa, com os mais jovens, prevendo um futuro de esperança e renovação. Como nos diz Eliade (1992), o homem antigo estava diretamente ligado com o cosmo, e não com a história, como ocorre com o homem moderno. E apesar de estarmos falando de homens dentro de um contexto de modernidade, como é o caso de Ednaldo Tabajara e Antonio Piaba, é importante ressaltarmos que eles cultuam valores de uma sociedade originária, enraizada nos princípios cosmogônicos, como nos diz Eliade (1992). Essa experiência do homem com o mito representava uma experiência dinâmica e viva com o sagrado. Tal é a vivacidade dessa experiência mítica que, muitas vezes, observamos o relato da hierofania, ou seja, da

revelação do sagrado, que pode, inclusive, ocorrer por um meio da sacralização de um objeto antes profano. Pode ser uma pedra, uma espada, uma planta, todos esses podem passar do profano para o sacro, desde que haja uma intervenção divina, transformando o que antes era um objeto comum, em um elemento de força e poder transcendente. Isso também demonstra a correlação do rito de passagem entre o profano e o sagrado, a nova vida, do caos ao cosmo.

No caso da profecia, ela também pode revelar um caráter sagrado, na medida em que revela uma mensagem simbólica, envolta em mistério e que necessita que seus partícipes acreditem e confiem, para que ela possa ter validade. Vejamos o que a qualifica como sagrada:

Ora, o sagrado refere-se a algo que, presente e real, é inesgotável, absoluto, misterioso, majestoso, inefável, ou seja, sobre o qual se pode dizer alguma coisa, mas não tudo. [...] perante o sagrado, o ser humano percebe-se limitado, relativo, efêmero, dependente. Seu sentimento é de maravilhamento, fascinação, estupor, temor (Vilhena, 2005, p. 59).

Como pudemos ver, a partir do relato da profecia, ela nos apresenta certo teor de mistério e, apesar de nos revelar algo, também nos deixa muitas lacunas, na própria história contada, fato essencial para manter seu caráter transcendente, misterioso e, portanto, sagrado. A profecia nos propicia, tanto uma reação de maravilhar-se, como também de temer aquele algo que foge dos nossos padrões racionais e que escapam de nossa reflexão lógica.

Para Joseph Campbell (1992), o estudo da mitologia mostrou a existência de uma unidade temática e essencial nas histórias míticas, expressando a universalidade de seus relatos, mesmo que estejam contextualizados num país, numa época, a sua representatividade vai para além do local. Deuses, monstros, fertilidade, terra, heróis, plantas sagradas, ritos, vida, morte, todas essas são experiências gerais, presentes nos mitos das mais diversas regiões. Assim, como um caleidoscópio, o mito vai sendo repetido e transmitido, de acordo com o contexto e as suas necessidades locais.

Por isso, deparamo-nos, muitas vezes, com o reconhecimento dos mitos e não, necessariamente, com o seu conhecimento, já que temos a impressão de já termos ouvido falar naquela história, só que em um local diferente ou de um modo um pouco distinto. Ou seja, mudam-se os elementos contextuais e permanece a essência. Daí a proposta de Campbell (2004) em observar os mitos como máscaras divinas, tendo em vista seu caráter universal e eterno, porque as máscaras podem ser retiradas e recolocadas, mas não perdem sua configuração essencial.

Desse modo, sabemos que as profecias, os profetas, os homens escolhidos para salvar seu povo, são bastantes comuns nas mais diversas tradições, sejam elas ocidentais ou não. A literatura greco-romana, a Bíblia, as narrativas orientais, todas elas estão cheias de relatos dessa natureza, demonstrando o que vimos no parágrafo anterior, acerca da universalidade expressa por Campbell (2004).

Nesse contexto, destacamos um dos fatores primordiais para a permanência da profecia mítica: os anciões, que guardam as histórias e repassam para os mais jovens. Assim ocorreu, por exemplo, na profecia transmitida por Antonio Piaba, na qual ele relatava a vinda de um “salvador”. Por isso a memória é fator essencial para perpetuação, seja da origem do universo, dos grandes feitos dos heróis, seja para rememorar ou profetizar os importantes acontecimentos de uma tribo indígena. Sendo o mito um elemento primordial para a cultura indígena, vejamos:

O mito é responsável pela forma como a sociedade indígena se reproduz na maneira de ser, viver e de morrer. Detém as verdades das coisas e procura perpetuá-las para não serem esquecidas. O mito é assimilado pelos indígenas como verdade absoluta transmitida pelos “fundadores”, das respectivas culturas, num tempo ‘anterior ao tempo em que se vive’. Sua credibilidade e veracidade são inquestionáveis [...]. A cultura indígena é comunitária, o mito é fonte interpretativa, a identidade é meta coletiva, e a espiritualidade, o resultado de uma consciência grupal (Barcellos, 2012, p. 45).

Desse modo, a tradição indígena mítica é reforçada nos atos ritualísticos e transmitida pela repetição das fabulações, nas quais o real e o (sobre)natural estão intrinsicamente relacionados e são os formadores e alicerces de seu modo de viver. E os estudos desses mitos, no nosso caso, mais especificamente, do mito da profecia dos Tabajara, são de grande relevância, uma vez que:

Versar sobre mitos nos fez pensar em como não demos muita importância para nossos patrimônios imateriais e toda a história e registros que guardam uma riqueza e um bem que deve ser preservado, pois faz parte e representa nossa cultura regional. Os mitos abordados no trabalho são heranças deixadas e devem ser transmitidos aos jovens para que não percamos a tradição que começou com os primeiros habitantes das terras amazônicas. A compreensão dessa importante contribuição cultural indígena é o que nos fez escrever e buscar o resgate dessas narrativas (Sá; Dutra, 2012, p. 7).

Dessa maneira, o mito representa, mais do que uma lição de moral e/ou um ensinamento para o bem viver, ele representa a própria vida, em sua essência e magnitude ritualística, sacrificial, regeneradora, universal e transcendental.

Destacamos também que essas narrativas míticas podem também ser identificadas como “maravilhosas”. Isso porque, segundo Chiampi (1980), o maravilhoso exprime fatos

extraordinários ocorridos sem a ideia de causalidade e/ou preocupação com a verossimilhança, devido à existência de uma ordem “superior”, a qual todos se submetem. Assim, a ideia de absurdo, por exemplo, não pode ser considerada, pois há uma permissividade e uma aceitação de que tais fatos extraordinários, sobrenaturais, existam dentro daquele universo da fabulação.

Tal fato acima mencionado conseguimos verificar no mito da profecia em questão, já que, tanto o Ednaldo Tabajara deixa-se submeter e, por isso, redireciona o planejamento de sua vida, em face dessa revelação, como também o povo Tabajara deixa-se conduzir pela liderança daquele que, por muito tempo, foi esperado para ser seguido.

Um elemento essencial para o mito é o seu caráter sagrado, presente nas narrativas mitológicas, visto que essa é a essência de sua origem e de sua transmissão. Há, inevitavelmente, algum ritual ou um ato religioso que possibilita sua eficácia comunicadora e duradoura. Para Eliade “[...] a sociedade humana é uma história sagrada, preservada e transmitida por intermédio de mitos” (Eliade, 1992, p. 8). Para Jabouille (*apud* Coelho, 2003, p. 13), nos contextos religiosos, “os mitos são histórias dramáticas que constituem um instrumento sagrado, quer autorizando a continuação de instituições, costumes, ritos e crenças antigas na área em que são comuns, quer aprovando alterações”.

Tais definições demonstram sua sacralidade e vivência para além do profano. Pois, mesmo que esteja ligados a espaços ou objetos profanos, o mito, através da mediação dos entes sobrenaturais, (re)significa aquele objeto ou local, tornando-os sagrados. Guesse (2014) cita Simonsen, que afirma: “O mito, ligado a um ritual, tem um conteúdo cosmogônico ou religioso. Simboliza as crenças em uma comunidade, e os acontecimentos fabulosos que ele narra são tidos como verídicos” (*apud* Guesse, 2014, p. 107).

Para Barcellos (2012, p. 46), os mitos são essenciais, haja vista o fato de contribuírem, não apenas para dar sentido à vida do povo indígena, como também por contribuir com a práxis cotidiana. Assim, o homem se relaciona com o outro e consigo mesmo, diante de uma dimensão sagrada. Podemos ver ilustrada tal definição na profecia mítica dos Tabajara, considerando que o fato de o povo acreditar na veracidade revelada no presságio, possibilita-lhe a esperança de um futuro melhor, dando sentido para a existência e resistência de seu povo, como também contribui para suas vidas cotidianas e práticas do dia a dia.

Farias e Barcellos (2015), em um dado momento do livro, após fazerem uma profícua relação entre o Ednaldo e sua configuração mítica, acabam por relativizar e dizer que, se nossos tempos fossem arcaicos, poderíamos identificar o Ednaldo como um herói

mítico, mas “como estamos vivendo no século XXI, poderemos identificá-lo como um grande líder que vai liderar seu povo no processo que ele está vivenciando” (Farias; Barcellos, 2015, p. 65).

Sobre essa passagem, consideramos que, ao invés de relativizarmos, poderemos sim, ao nosso ver, observar o Ednaldo Tabajara como uma figura mítica. Isso porque, apesar de estarmos no século XXI, em que a dessacralização e desqualificação do sentido mítico, muitas vezes, é evidente, destacamos a existência de elementos cruciais que fazem de sua história mais do que a de uma representatividade de uma liderança histórica. Entre elas, podemos evidenciar duas: a presença da profecia, que denota o caráter sagrado e transcendente, e a representação mítica da história, concretizada pela credibilidade que seus partícipes a atribuem e que o próprio Ednaldo Tabajara “encarna”.

Assim, a profecia, nesse contexto, é mítica e histórica, diferentemente do que ocorre nos nossos dias atuais, em que, muitas vezes, é utilizada para fins meramente lucrativos e fraudulentos. E o mito, pelo que vimos, para ter validade semelhante a que lhe atribuíam os povos originários, precisa, necessariamente, ser visto como um fato verdadeiro e sagrado. Aspectos esses que, como pudemos ver, estão presentes na profecia mítica de Ednaldo Tabajara.

Logo, apesar de estarmos na efervescência do século XXI, a profecia mítica de Ednaldo Tabajara rompe com a dessacralização da atualidade, e (re)faz a história. Em plena contemporaneidade, a força transcendental na crença das profecias dos antepassados e das forças sobre-humanas, que um homem, há tanto tempo esperado, pode representar para o seu povo, alimentando a religiosidade, a espiritualidade e a esperança naquilo que está além da nossa materialidade.

## REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Lusival. **Práticas educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba**. João Pessoa: Editora UFPB, 2012.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. v. 1.

CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus: Mitologia Primitiva**. Tradução de Carmen Fischer. São Paulo: Palas Athena, 1992. v. 1.

CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus: Mitologia Ocidental**. Tradução de Carmen Fischer. São Paulo: Palas Athena, 2004. v. 3.

CAMPBELL, Joseph. **A jornada do herói**. Tradução de Cecília Prada. São Paulo: Ágora, 2003.

CHIAMPI, Irlemar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

COELHO, Maria do Carmo. **As narrações da cultura indígena da Amazônia: lendas e histórias**. 2003. 223 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC, São Paulo, 2003.

ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

FARIAS, Eliane; BARCELLOS, Lusival. **Memória Tabajara**. João Pessoa: Editora UFPB, 2015.

FIGUEIREDO, Márcia Medeiros. **A mística da dança do Toré**: imaginário social do povo indígena tabajara da paraíba. 2020. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

GUESSE, Érika Bergamasco. Da oralidade a escrita: os mitos e a literatura indígena no Brasil. *In: Anais do SILEL*, Uberlândia - UDUFU, v. 2, n. 2, 2011.

GUESSE, Érika Bergamasco. **Shenipabu Miyui**: literatura e mito. 2014. 425 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.

MARQUES, Amanda Christinne Nascimento. **Fronteira étnica**: tabajara e comunidades negras no processo de territorialização do litoral sul paraibano. 2015. 369 f. Tese (Pós-Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

RESENDE, Cristina da Conceição. **Toré do povo indígena Tabajara da Paraíba: espiritualidade, dança e resignificação**. 2018. 150 f. Monografia (Graduação em Dança) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

SÁ, Gladys Oliveira de; DUTRA, Márcia Guedes Egas. Mulheres na mitologia: uma análise de personagens míticos da cultura amazônica. *In: Anais do XIV Simpósio Internacional Processos Civilizadores: Civilidade, Fronteira e Diversidade*. XIV SIPC – UFGD 2012.

VILHENA, Maria Angela. **Ritos**: expressões e propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Temas do Ensino Religioso).

## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA

SACRALIDADE MÍTICA E (RE)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA PROFECIA HEROICA DE EDNALDO TABAJARA

### Michelle Bianca Santos Dantas

Doutorado em Ciências das Religiões

Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Letras, João Pessoa, Brasil

michellebianca86@hotmail.com



 <https://orcid.org/0000-0003-1127-101X>

#### **Endereço de correspondência do principal autor**

Rua Bacharel Manoel Pereira Diniz, 348, 58052-520, João Pessoa-PB, Brasil.

#### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos/as que estão ao meu lado na jornada da vida e da academia.

#### **LICENÇA DE USO**

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

#### **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

#### **HISTÓRICO**

Recebido em: 25/04/2023

Aprovado em: 08/02/2024

